

AUTENTICIDADE COMO CHAVE DE LIBERDADE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: UMA ANÁLISE HEIDEGGERIANA

Diego Vinícius Brito dos Santos¹

Geiza Venícia dos Santos²

RESUMO: Neste ensaio, exploramos a relevância da “autenticidade” na existência humana, à luz da filosofia de Martin Heidegger, com foco nos conceitos de abertura do ser e autenticidade. Através de uma metodologia de revisão narrativa, analisamos estudos que estabelecem conexões entre a filosofia heideggeriana e a agenda identitária contemporânea. Demonstramos como a autenticidade, a busca por uma vida genuína e a reflexão sobre a própria existência, é crucial na construção da identidade individual. Destacamos como essa ênfase na autenticidade pode questionar rótulos e categorizações impostos por grupos sociais, promovendo, assim, a liberdade na formação dos “modos de ser” de cada pessoa. Essa análise revela como a filosofia de Heidegger oferece uma perspectiva única sobre a existência humana, enriquecendo o diálogo filosófico e identitário. Ao fornecer uma estrutura para a reflexão sobre a autenticidade, esta pesquisa contribui para a compreensão da liberdade individual na formação da identidade e destaca a relevância contínua das ideias heideggerianas na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVES: autenticidade, Dasein, identidade, Heidegger.

*AUTHENTICITY AS A KEY TO FREEDOM IN THE CONSTRUCTION OF IDENTITY:
A HEIDEGGERIAN ANALYSIS*

ABSTRACT: In this essay, we explore the relevance of “authenticity” in human existence, in light of Martin Heidegger's philosophy, focusing on the concepts of openness of being and authenticity. Using a narrative review methodology, we analyze studies that establish connections between Heideggerian philosophy and the contemporary identity agenda. We demonstrate how authenticity, the search for a genuine life and reflection on one's own existence, is crucial in the construction of individual identity. We highlight how this emphasis on authenticity can question labels and categorizations imposed by social groups, thus promoting freedom in the formation of each person's “ways of being”. This analysis reveals how Heidegger's philosophy offers a unique perspective on human existence, enriching philosophical and identity dialogue. By providing a framework for reflection on authenticity, this research contributes to the understanding of individual freedom in identity formation and highlights the continued relevance of Heideggerian ideas in contemporary times.

KEYWORDS: authenticity, Dasein, identity, Heidegger.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRN. E-mail: diego_svt@hotmail.com.br

² Graduada em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: geiza_venicia@hotmail.com

Introdução

A compreensão da existência humana é uma busca perene na história da filosofia, e nesse contexto, os conceitos de abertura do ser (*Dasein*) e autenticidade (*Eigentlichkeit*) desempenham um papel central. Este ensaio propõe uma análise crítica e interpretativa desses conceitos, à luz da filosofia de Martin Heidegger, com o objetivo de evidenciar a importância da “autenticidade” na existência humana. Além disso, consideraremos as implicações dessa análise na agenda identitária contemporânea, explorando como a ênfase na autenticidade pode servir como uma nova orientação epistemológica na construção da identidade individual, promovendo, assim, a liberdade (ou: “abertura para”) na formação dos “modos de ser” (*Arten des Seins*) de cada indivíduo.

A fim de estabelecer uma base argumentativa, esta pesquisa adotará uma metodologia de revisão narrativa da literatura, que envolve a análise crítica de fontes diversas. Essa abordagem permitirá uma exploração abrangente das conexões entre a filosofia de Heidegger e os debates contemporâneos sobre identidade, oferecendo ao leitor um conhecimento e percurso atualizados sobre essa temática específica.

Ao longo deste ensaio, além de desvelar a complexidade dos conceitos heideggerianos de abertura do ser e autenticidade, examinaremos como essas ideias se relacionam com a construção da identidade individual (*self identity*). Além disso, investigaremos como a ênfase na autenticidade pode desafiar a criação de rótulos e categorias identitárias impostas por grupos sociais, oferecendo, assim, uma perspectiva valiosa para a promoção da liberdade individual na busca pela autenticidade. Por meio dessa investigação, aspiramos contribuir para o enriquecimento do diálogo filosófico e identitário, proporcionando uma visão aprofundada e contextualizada desses temas.

Metodologia

A metodologia adotada neste ensaio é a revisão narrativa da literatura. Esse método de pesquisa se diferencia das revisões sistemáticas por não seguir um protocolo rígido e pré-estabelecido, permitindo maior flexibilidade na seleção e análise das fontes. A revisão narrativa da literatura tem como objetivo principal a análise crítica e

interpretativa de uma ampla variedade de fontes, como livros, artigos de revistas impressas e eletrônicas, com o intuito de fornecer uma compreensão abrangente e contextualizada de um tópico específico (CASARIN et al., 2020; ROTHER, 2007).

A finalidade da revisão narrativa da literatura neste ensaio é identificar e analisar estudos que estabeleçam conexões entre a filosofia de Martin Heidegger, especificamente os conceitos de abertura do ser e autenticidade, e a agenda identitária contemporânea. Os procedimentos seguidos na revisão narrativa da literatura envolvem uma sequência de etapas bem definidas. Inicialmente, foram realizadas pesquisas minuciosas em bases de dados acadêmicas, bibliotecas virtuais e repositórios de artigos, empregando termos-chave diretamente relacionados aos conceitos de Heidegger, autenticidade, identidade e agenda identitária. Em seguida, as fontes identificadas passaram por um processo de seleção, pautado na sua pertinência em relação à temática central abordada neste ensaio. Foram privilegiados estudos que apresentassem análises, interpretações ou discussões substanciais sobre a interseção entre a filosofia heideggeriana e a agenda identitária contemporânea. Cada uma das fontes selecionadas foi então submetida a uma análise crítica e interpretativa detalhada, o que implicou a identificação e avaliação dos argumentos-chave, dos conceitos relevantes e das evidências apresentadas, a fim de estabelecer uma conexão sólida e fundamentada entre os temas abordados. Por fim, após a análise individual das fontes, seus resultados foram cuidadosamente sintetizados e contextualizados no âmbito do ensaio, com o intuito de construir uma narrativa coesa e contextualmente informada sobre o assunto em discussão, oferecendo assim uma base argumentativa sólida e reflexiva para o desenvolvimento deste trabalho acadêmico.

Autenticidade como base da existência humana

A autenticidade, à luz da filosofia fenomenológica e hermenêutica de Martin Heidegger, é um conceito de importância central em sua obra. Ela se relaciona diretamente com a compreensão profunda da existência humana e sua relação com o mundo circundante. Para Heidegger, o ser humano é definido como “Dasein”, que pode ser traduzido como “ser-aí” ou “pre-sença”. O Dasein não é apenas um objeto no mundo,

mas ser que se interessa, se preocupa e se envolve com o mundo. A autenticidade, nesse contexto, representa a forma mais genuína e verdadeira de existência do Dasein.

De acordo com Sebold e Carraro (2013), a autenticidade envolve a singularização da existência, o que significa que o Dasein reconhece sua individualidade. Isso implica a apropriação de si mesmo, o ato de se tornar consciente de sua própria existência e da responsabilidade que isso acarreta. A pessoa autêntica não vive de acordo com expectativas externas, mas conforme seu próprio entendimento do que é significativo.

A autenticidade também está relacionada à ideia de “angústia”³. Quando o Dasein confronta a própria finitude e a inevitabilidade da morte, isso pode desencadear uma profunda angústia existencial, pois, segundo Ferreira (2002), essa angústia se origina exclusivamente da percepção do homem como “ser-no-mundo”. Nesse contexto, o mundo é vivenciado como uma presença que aponta inexoravelmente para o nada.

Certamente, a angústia desempenha um papel crucial na experiência da autenticidade. Ela age como um catalisador que obriga o indivíduo a enfrentar sua existência de forma crua e direta, o que, por sua vez, resulta em uma profunda conscientização de si e de suas escolhas. A angústia, de fato, oferece uma oportunidade única de revelação. Isso ocorre porque, quando alguém está imerso na angústia, ela cria um estado de isolamento. Esse isolamento, paradoxalmente, retira o ser-aí de sua decadência, tornando evidentes para ele tanto a autenticidade quanto a inautenticidade como possibilidades intrínsecas de seu ser. Além disso, a autenticidade está intrinsecamente ligada à capacidade de se abrir para uma ampla gama de possibilidades na existência. O Dasein não está preso por normas sociais ou expectativas pré-concebidas; ele tem a liberdade de forjar seu próprio caminho, definir seus valores pessoais e criar significado em sua vida. Nesse sentido, a autenticidade implica a coragem de abraçar a liberdade de escolha e a responsabilidade por suas próprias ações e trajetória existencial.

Segundo Elpidorou e Freeman (2015), o Dasein, que estar-lançado (*Geworfenheit*) no mundo e, por meio de sua finitude, abre-se à possibilidade do ser, constitui-se como uma janela para a autenticidade. Em sua busca por uma existência plenamente realizada,

³ A referência à “angústia” remete à seção 40 da Primeira Parte de “Ser e Tempo” ([1927] 2005, pp. 247-255), na qual Heidegger analisa “a disposição fundamental da angústia como abertura privilegiada da presença” [*Die Grundbefindlichkeit der Angst als eine ausgezeichnete Erschlossenheit des Daseins*].

o Dasein depara-se com a autenticidade como uma exigência ontológica, uma condição *sine qua non* para a compreensão de sua própria essência. A autenticidade implica a transcendência das convenções sociais que encobrem a “verdadeira”⁴ natureza do ser.

A inautenticidade, por outro lado, representa a adesão acrítica a tais convenções e normas, resultando na alienação do Dasein. É na autenticidade que encontramos a via para a emancipação do Dasein, uma tomada de consciência profunda que desvela a liberdade de escolher e moldar a própria existência. Essa “transcendência”⁵, que Heidegger tão profundamente investiga, abre as portas para uma existência autêntica, onde o Dasein se coloca como o sujeito ativo de sua própria narrativa, em contraposição à inautenticidade, onde ele é moldado passivamente pelas demandas da sociedade.

Nesse contexto, a autenticidade transcende o âmbito estritamente filosófico e projeta-se nas dinâmicas identitárias contemporâneas. À medida que as sociedades se tornam cada vez mais plurais e diversificadas, as questões relacionadas à identidade adquirem relevância central. Os movimentos identitários buscam o reconhecimento e a valorização das múltiplas identidades que compõem a tapeçaria social. No entanto, a aplicação do conceito de autenticidade na prática identitária não é isenta de desafios.

Nas próximas seções, mostraremos como a autenticidade se insere na agenda identitária contemporânea, examinando como a busca pela autenticidade pode questionar rótulos e categorizações predefinidas, promovendo, assim, a liberdade individual na formação dos “modos de ser” do indivíduo. A partir desse ponto de partida, delinearemos as complexidades e ambiguidades inerentes a essa aplicação prática da autenticidade, revelando a riqueza do diálogo filosófico e identitário que permeia a contemporaneidade.

Autenticidade na agenda identitária contemporânea

A noção de autenticidade, como previamente delineado, desvela-se como a capacidade individual de moldar e delinear sua própria existência. Quando aplicada ao contexto da formação da identidade, essa abordagem implica que as identidades não

⁴ Quanto à questão da verdade, é aconselhável consultar a seção 44 de “Ser e Tempo”, onde Heidegger explora os conceitos de presença [*Dasein*], abertura [*Erschlossenheit*] e verdade [*Wahrheit*].

⁵ Sobre o conceito, cfr. Çiftçi (2020) e Moran (2008).

devem ser impostas por rótulos ou categorias predefinidas social e culturalmente, mas devem ser entendidas como uma expressão autêntica do ser interior. Esta perspectiva, profundamente enraizada no paradigma heideggeriano, recorda-nos que a genuína realização da identidade está intrinsecamente ligada à liberdade de escolher quem somos, independentemente das etiquetas que a sociedade ou grupos possam tentar nos impor.

Segundo Wendet (2012), a autenticidade é concebida como a realização do “ser-para-a-morte” (*Sein-zum-Tode*), um estado de consciência profundo que envolve a compreensão da finitude da existência humana e a coragem de viver de acordo com essa compreensão. A busca pela autenticidade implica, assim, a rejeição das normas sociais ou das expectativas predefinidas, em favor de escolhas que emanam de uma compreensão interior e autêntica do indivíduo. Porém, Heidegger sustenta que a maioria das pessoas se encontra imersa em uma existência inautêntica, profundamente influenciada por demandas sociais e expectativas alheias. Esse modo de ser é por ele denominado como a existência no estado do “on”, como destaca Cabestan e Lamelo (2010). Dentro desse estado “on”, indivíduos experienciam uma sensação de segurança e comodidade, porém, paradoxalmente, estão alienados de sua verdadeira essência. Gradualmente, eles se afastam das inúmeras possibilidades que em sua essência possuem, e assim, se desvinculam de seu próprio ser. Este estado de existência inautêntica, não obstante sua aparente sensação de tranquilidade, se apresenta como uma armadilha, pois permite que o indivíduo evite confrontar a angústia e a responsabilidade intrínseca à autenticidade genuína. No contexto dessa existência, as pessoas iludem-se ao acreditar que vivem uma vida autêntica, quando, na realidade, fogem das verdadeiras potencialidades do ser.

Por outro lado, a autenticidade se manifesta como a capacidade do indivíduo de encarar seu próprio ser, abraçando todas as suas facetas, inclusive a iminência da morte. A morte é uma parte da experiência humana, pois representa a impossibilidade fundamental que permeia toda a existência (WENDET, 2012). Assumir a autenticidade requer, portanto, confrontar essa realidade inescapável e abraçar a singularidade de seu próprio ser. Ao transcender a existência inautêntica, o indivíduo se depara com a totalidade de seu ser singular e com a oportunidade ímpar de ser verdadeiramente ele mesmo. Para O'Connell (2015), a adoção da autenticidade representa a chave para uma vida dotada de significado e autenticidade plena. Portanto, ao renunciar à ilusória

segurança da existência inautêntica, o ser humano se torna capaz de abraçar sua própria singularidade e, assim, alcançar uma existência autêntica, plena e significativa.

Neste cenário, a agenda identitária contemporânea frequentemente envolve a busca pelo reconhecimento e pertencimento em uma sociedade diversificada e pluralista. No entanto, argumentamos que esta busca por identidades específicas e a pressão para se adequar a categorias predefinidas podem conduzir o ser humano à inautenticidade.

A imposição de categorias identitárias predefinidas pode exercer uma pressão significativa sobre os indivíduos, levando-os a adotar identidades que não refletem verdadeiramente quem são em sua essência. Isso resulta em um estado de inautenticidade, no qual as pessoas se conformam com as expectativas externas, em detrimento de expressar sua própria compreensão intrínseca do eu. Esse fenômeno complexo é conhecido na filosofia existencialista, e em particular na obra “L’être et le néant. Essai d’ontologie phénoménologique” (1943) de Jean-Paul Sartre. Nessa obra, Sartre apresenta o conceito de “*má-fé*” que descreve a autodecepção em que os indivíduos se enganam quanto à sua própria liberdade e agem de acordo com as normas sociais ou as expectativas dos outros, em vez de viverem de acordo com sua verdadeira natureza. Isso ocorre quando as pessoas preferem evitar o confronto com a responsabilidade de criar sua própria identidade, escolher seus próprios valores e enfrentar as incertezas que acompanham a liberdade individual. É, segundo Lecourt (1999), mascarar a verdade para si mesmo.

Segundo Póvoas (2005, p. 33), para Sartre

Não existe nenhuma razão motivadora para determinar o seu ser, que não seja a liberdade humana. Acreditar que exista outra necessidade, ou determinismo, é negar a liberdade. Admitir por exemplo, a *existência* de Deus, como aquele que determinou todos os passos da humanidade, definindo a sua *essência*, ou justificar ser culpa de sua natureza, ou da sociedade, é negar que o *para-si* seja um ser livre. Quando a liberdade é negada, o homem se transforma em coisa, em um ser *em-si*. A essa negação interna, Sartre chama de *má-fé*. Recusar ser livre e agir de *má-fé*, é negar que a “existência precede a essência” humana, já que a *essência* do ser *para-si* não é definida *a priori* como nas coisas.

Nesse sentido, quando algum indivíduo se entrega à “*má-fé*” (*mauvaise foi*), está renunciando à própria autenticidade em favor de uma existência mais confortável e convencional. Isso pode ser motivado pelo medo da rejeição social, pelo desejo de

pertencer a um grupo ou pela busca da aprovação social. No entanto, esse compromisso com normas externas e identidades impostas muitas vezes leva a uma sensação de vazio e insatisfação, já que a verdadeira essência do indivíduo fica alienada ou encoberta.

Em nossa revisão narrativa da literatura, identificamos um estudo que se encaixou perfeitamente nos nossos critérios de inclusão e exclusão, oferecendo uma abordagem esclarecedora sobre o tema em questão. Trata-se da dissertação intitulada “Reflexões hermenêutico-fenomenológicas sobre a condição paterna” de Yamaguti (2015). Nesta pesquisa, Yamaguti aborda as bases ontológicas que fundamentam a compreensão da paternidade, lançando um olhar crítico sobre a agenda identitária contemporânea, a qual frequentemente tende a associar características específicas a identidades particulares. Essa abordagem, em nossa perspectiva, abre espaço para a essencialização, um processo pelo qual a riqueza e complexidade das identidades individuais são reduzidas a estereótipos simplistas devido à naturalização de fenômenos existenciais. Quando se promove essa naturalização, indivíduos podem sentir-se compelidos a se conformar com estereótipos que não representam adequadamente sua existência (*Existenz*) autêntica.

Em contrapartida a essa naturalização, Yamaguti entende que a paternidade contemporânea requer uma profunda reflexão sobre o significado dessa vocação e como ela se manifesta em um mundo em constante transformação. É certo que ao refletir sobre a paternidade, é comum evocar a imagem tradicional de um homem em um núcleo familiar convencional. No entanto, à luz de Heidegger, podemos compreender que o Dasein do pai já está inserido em um mundo que estabelece as normas e orientações sobre como ser pai. Isso está relacionado à ideia de “modos de ser”, nos quais a existência humana é moldada pelos contextos culturais e sociais em que se encontra. De acordo com o autor, a emergência de diferentes arranjos familiares que não se enquadram na definição tradicional da família nuclear pode servir para desnaturalizar esse modo de ser restrito e proporcionar um horizonte mais aberto, visto que a variedade de arranjos familiares reflete a evolução da sociedade e a adaptação do Dasein às novas circunstâncias.

Contudo, Yamaguti esclarece que é comum os pais sentirem angústia devido à resistência em relação a essas mudanças, preferindo, muitas vezes, viverem na inautenticidade, sendo compreendidos como figuras de apoio e não de cuidado. Embora a sociedade atual demande um papel participativo dos pais, o que pode criar uma tensão entre

as expectativas tradicionais e a busca por uma forma autêntica de paternidade, é fato que os modos de ser tradicionais e identitários fazem com que esses pais sigam modelos antigos. Isso, por sua vez, restringe o horizonte de possibilidades de ser e a abertura do Dasein.

Dentro da agenda identitária, é frequente encontrarmos um foco no debate sobre performatividade, geralmente relacionado à maneira como as pessoas expressam e vivenciam sua identidade. A performance é um conceito que aborda a forma como um Dasein se apresenta ao mundo e como ele se ajusta ou desafia as expectativas tradicionais. Alguns estudos e autores contribuem para essa discussão. Por exemplo, a filósofa política Judith Butler, em seu artigo “Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory” (1988), argumenta que a identidade de gênero não é intrínseca, mas sim um construto social produzido por meio de repetidas performances. Isso ressalta como a busca pela autenticidade de gênero pode ser complexa e como a conformidade com as performances de gênero pode resultar em inautenticidade.

No entanto, perspectivas mais esclarecedoras sobre esse tópico podem ser encontradas no artigo de Connell e Messerschmidt, intitulado “Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept” (2005). Neste artigo, os autores exploram a ideia de que uma forma de masculinidade hegemônica influencia a maneira como os homens se apresentam na sociedade. Embora reconheçamos que a sociedade é composta por diversas expressões de masculinidade, devido à abertura do Dasein (o ser-no-mundo), a masculinidade hegemônica, caracterizada pela ênfase na força, racionalidade, controle, objetividade, supressão das emoções, agressividade e a associação com a branquitude, tende a impor uma hierarquia sobre as diferentes expressões de masculinidade. Isso ocorre como se houvesse uma forma de se “performar” a masculinidade que é mais “adequada” em comparação com outras. A busca por alcançar essa forma hegemônica de masculinidade e pelo reconhecimento dentro dessa estrutura de poder pode gerar competição entre grupos identitários, levando algumas identidades a serem valorizadas acima de outras. Isso pode resultar em indivíduos adotando comportamentos e expressões que são socialmente mais valorizadas, em vez de serem autênticos em suas performances de ser-no-mundo.

Para tornar essa questão mais clara, podemos utilizar o conceito de “manutenção da face” de Erving Goffman. Nesse conceito, Goffman (1980) explora como as pessoas moldam suas faces (performáticas) de acordo com as expectativas e etiquetas sociais, a fim

de preservar e apresentar uma “face” positiva perante os outros. Essa noção se assemelha à ideia de inautenticidade, na qual os indivíduos ocultam sua verdadeira identidade em favor de uma imagem socialmente aceitável e valorizada. Quando aplicamos esse conceito ao debate sobre masculinidades, podemos entender por que aqueles que estão envolvidos na performance da masculinidade tendem a seguir o padrão da masculinidade hegemônica. Isso ocorre porque a masculinidade hegemônica é a representação socialmente mais aceita, considerada correta, incentivada e socialmente privilegiada da masculinidade.

Nesse ponto, o conceito de Dasein, enquanto “abertura para”, oferece uma contribuição fundamental aos estudos sobre identidade e performance. O Dasein rejeita a ideia de um “modo de ser” hegemônico, pois, como um ser-no-mundo, o Dasein é livre para ser-no-mundo de maneira indefinida, sem uma orientação pré-fabricada sobre como ser, performar e existir. Normas sociais, sejam elas dominantes ou hegemônicas, servem apenas para garantir uma relativa conformidade na forma como o Dasein se orienta em um contexto sócio-histórico, mas não têm a capacidade de determinar como o Dasein se constitui na existência fenomênica. Ao adotar essa abordagem heideggeriana, a agenda identitária e os estudos sobre performatividade podem ser enriquecidos com uma perspectiva mais profunda em relação aos modos de ser e existir. Em vez de se apegar a categorias inflexíveis, essa abordagem abraça a diversidade de experiências fenomênicas humanas. Por fim, os conceitos de Dasein e autenticidade podem ser utilizados como categorias analíticas para questionar os rótulos e categorizações predefinidos que frequentemente limitam nossa compreensão da complexidade da existência humana.

Considerações finais

Na atualidade, em que as questões de identidade assumem um papel cada vez mais destacado, a filosofia de Martin Heidegger se apresenta como uma fonte rica e impactante de insights sobre a importância da autenticidade na experiência humana. A busca pela autenticidade não apenas desafia os rótulos impostos e a hegemonia performática, mas também promove a liberdade individual na construção da identidade. Nossa reflexão sobre a interseção entre a filosofia de Heidegger e a atual agenda identitária nos lembra que as questões essenciais da existência humana transcendem as barreiras do tempo.

É fundamental reconhecer a relevância contínua da autenticidade como um guia inestimável na jornada da autodescoberta e na formação de “modos de ser” autênticos e plurais. Em um mundo que muitas vezes tende a categorizar e rotular as pessoas com base em normas e etiquetas predefinidas, a filosofia heideggeriana nos lembra da necessidade de buscar nossa própria autenticidade. Isso implica em aceitar a complexidade e a diversidade das experiências humanas, resistindo à pressão para se conformar a padrões estreitos e abraçando a riqueza da nossa singularidade enquanto ser-no-mundo.

À medida que enfrentamos os desafios e as complexidades em torno da identidade em um mundo em constante transformação, a busca pela autenticidade, fundamentada na filosofia de Heidegger, permanece como um farol orientador, lembrando-nos de que a verdadeira compreensão de nós mesmos e dos outros está enraizada na autenticidade, na liberdade individual e na exploração contínua do nosso próprio “ser”. Esta filosofia transcende épocas e culturas, servindo como um lembrete perpetuo de nossa busca infindável por significado e autenticidade na experiência e existência humana.

Referências bibliográficas

BUTLER, J. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. *Theatre Journal*, v. 40, n. 4, p. 519-531, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3207893>. Acesso em: 05 set. 2023.

CABESTAN, P.; LAMELO, M. M. G. Ser si-mesmo: abordagem fenomenológica da autenticidade e da inautenticidade. *Winnicott e-prints*, v. 5, n. 1, p. 1-16, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2010000100004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 01 set. 2023.

CASARIN, S. T.; PORTO, A. R.; GABATZ, R. I. B.; BONOW, C. A.; RIBEIRO, J. P.; MOTA, M. S. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. *Journal of Nursing and Health*, v. 10, n. 5, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/jonah.v10i5.19924>. Acesso em: 01 set. 2023.

ÇIFTECI, V. The Significance of Time, Being and Transcendence on the Road to the Heideggerian Authentic Self. *Kilikya Journal of Philosophy*, n. 2, p. 169-182, 2020. Disponível em: <https://dergipark.org.tr/en/pub/kilikya/issue/57313/812356>. Acesso em: 10 set. 2023.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept. *Gender & Society*, v. 19, n. 6, p. 829-859, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0891243205278639>. Acesso em: 02 set. 2023.

ELPIDOROU, A.; FREEMAN, L. Affectivity in Heidegger I: Moods and Emotions in Being and Time. *Philosophy Compass*, v. 10, p. 661-671, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/phc3.12236>. Acesso em: 20 set. 2023.

FERREIRA, A. M. C. Culpa e angústia em Heidegger. *Cógitto*, v. 4, p. 75-79, 2002. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792002000100012&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 18 set. 2023.

GOFFMAN, E. A elaboração da face. Uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (Org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 76-114.

HEIDDEGER, M. *Ser e Tempo*. Parte I. 15. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

LECOURT, D. Erreurs agréables, vérités désagréables. In: GOUYON, P.-H.; LECOURT, D.; MEMMI, D.; THOMAS, J.-P.; THOUVENIN, D. *La bioéthique est-elle de mauvaise foi?*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

MORAN, D. Immanence, Self-Experience, and Transcendence in Edmund Husserl, Edith Stein, and Karl Jaspers. *American Catholic Philosophical Quarterly*, v. 82, n. 2, p. 265-291, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.5840/acpq20088224>. Acesso em: 01 set. 2023.

O'CONNELL, D. R. *Heidegger's Authenticity*. Dissertação (Doutorado em Filosofia). University of Illinois at Urbana-Champaign, Urbana, Illinois, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/158301888.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.

PÓVOAS, J. F. *A má-fé na analítica existencial sartriana*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11481?locale=es>. Acesso em: 15 set. 2023.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, [editorial], v. 20, n. 2, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/>. Acesso em: 07 set. 2023.

SARTRE, J. -P. *L'être et le néant. Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Librairie Gallimard, 1943.

SEBOLD, L. F.; CARRARO, T. E. The authenticity of the being nursing-professor in the nursing care teaching practice: a Heideggerian hermeneutics. *Texto & Contexto - Enfermagem*, v. 22, n. 1, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000100003>. Acesso em: 22 set. 2023.

YAMAGUTI, A. C. *Reflexões hermenêutico-fenomenológicas sobre a condição paterna*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/15458> . Acesso em: 08 set. 2023.

WENDET, S. *Sein durch den Tod?: Ein Essay über Heideggers Sein-zum-Tode*. Múnich: Grin Verlag, 2012.

